

ARTIGO <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i34.5629>**FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES DAS
NARRATIVAS NA PRÁTICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES****SCHOOL MEMORY FRAGMENTS: NARRATIVE CONTRIBUTIONS IN TEACHER
TRAINING****FRAGMENTOS DE MEMORIA ESCOLAR: CONTRIBUCIONES DE LAS
NARRATIVAS EN LA PRÁCTICA DE FORMACIÓN DEL PROFESORADO***Luana Zanotto*

Universidade Federal de São Carlos – Brasil

Aline Sommerhalder

Universidade Federal de São Carlos – Brasil

Andressa de Oliveira Martins

Universidade Federal de São Carlos – Brasil

Resumo: Consideramos as narrativas como recurso legítimo à formação de professores, sobretudo por oportunizar o diálogo entre os saberes tecidos no período de vida escolar e a escolha da profissão. Assim, este artigo objetivou evidenciar percursos formativos descritos em narrativas autobiográficas de trajetórias escolares de estudantes licenciandos. Foram analisados sete Memoriais produzidos na disciplina ‘Narrativas em Formação de Professores’, do curso de Pedagogia de uma Universidade Federal. A análise convergiu em duas categorias: 1) Narrar para me conhecer: acerca das trajetórias escolares e 2) Formação de professores: das experiências de época escolar à escolha da carreira e alternativas pedagógicas. Os resultados mostraram vivências da Educação Básica enfatizando os desafios desvencilhados e o seu favorecimento à (re)significação das relações humanas, concepções de ofício docente e algumas possibilidades para futura atuação profissional, ambos evidenciados nas narrativas.

Palavras chave: Formação de Professores; Memorial Autobiográfico; Narrativas.

Abstract: We count narratives as a legitimate resource for teacher training, mainly by they provide opportunities for linking between the knowledge from the school education and the choose profession. Therefore, this article aimed to highlight formatives itineraries described in an autobiographical narrative about undergraduate students' school life path. Seven memorials produced in school discipline 'Narratives in Teacher Training' from the Education course from a Federal University were analyzed. The analysis converged into two categories: 1) Narrate to know me: about school life path

and 2) Teacher training: from school experiences to career choice and pedagogical alternatives. The results showed experiences of primary school education stressed coming challenges and their preference for significance of human relationships, meanings of teaching function and some possibilities for the professional future, either seen into the narratives.

Keywords: Autobiographical Memorial; Narratives; Teacher Training.

Resumen: Consideramos las narrativas como un recurso legítimo para la formación del profesorado, en especial por la oportunidad de diálogo entre el conocimiento derivado del período escolar y la elección de la profesión. Por lo tanto, este artículo objetivó señalar las vías formativas descritas en las narrativas autobiográficas de las trayectorias escolares de los estudiantes de grado. Se analizaron siete memoriales producidos en la asignatura 'Narrativas en la formación del profesorado' del curso de Pedagogía de una Universidad Federal. El análisis convergió en dos categorías: 1) Narrar para conocerme: acerca de las trayectorias escolares y 2) Formación del profesorado: de las experiencias en el trayectoria escolar a la elección de carrera y las opciones pedagógicas. Los resultados mostraron experiencias de Enseñanza Básica enfatizando los desafíos desatados y favoreciendo el (re)significado de las relaciones humanas, las concepciones de la profesión docente y algunas posibilidades para el desempeño profesional futuro, ambos evidenciados en las narrativas.

Palabras clave: Formación del profesorado; Memorial autobiográfico; Narrativas.

Considerações iniciais

O presente artigo resulta de um estudo realizado em um curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Universidade Federal, desencadeado na disciplina “Narrativas em Formação de Professores”. A referida disciplina teve como objetivos estudar os teóricos do campo da (auto)biografia no ensino e na pesquisa educacional; compreender como as narrativas atuam como meio para conhecer, analisar e transformar experiências e práticas pedagógicas; compreender as narrativas como meio para promoção do desenvolvimento profissional de professores; compreender os elementos fundamentais de uma narrativa e do pensamento narrativo e produzir e analisar narrativas de formação – vida escolar.

Mediante tais objetivos e, considerando o referencial teórico de formação de professores e pressupostos das narrativas de formação, por meio de relatos autobiográficos, este estudo se justifica pela relevância na consideração da história de vida valorizando as vivências e experiências de percurso escolar na formação do ser professor. Destarte, aborda temáticas inseridas no campo da formação de professores, tomando a abordagem das biografias como eixo formativo do ensino. Utiliza de narrativas de formação em moldes de memorial autobiográfico do período de vida escolar de estudantes universitário, em formação para a docência.

Lourencetti e Mizukami (2002) afirmam que a formação de professores se inicia muito antes do seu ingresso no curso de formação inicial, considerando que grande parte dos saberes dos professores sobre a escola e docência é proveniente ainda de sua socialização e vida escolar enquanto alunos. Em diálogo, Tardif (2008) e Silva (2005), afirmam que os professores antes de serem professores foram estudantes e por meio das experiências oriundas deste período adquirem uma série de conhecimentos, valores, ideias e concepções sobre o universo escolar, tais como, ensino, aprendizagem, relação professor e aluno, metodologias e avaliação.

Oliveira (2011), por seu turno, destaca que os professores em formação relacionam os saberes e conhecimentos adquiridos na instituição formadora com sua experiência de vida escolar, por exemplo, nas etapas em que foram alunos de Educação Básica. Assim, o professor vai se constituindo ainda enquanto é aluno, desenvolvendo crenças e ideias sobre as práticas docentes, traduzidas em aprendizagens que também vão compondo sua identidade profissional como professor. Deste modo, a identidade docente começa a ser construída durante o período de escolarização do futuro professor, uma vez imerso em contexto que oportuniza uma série de conhecimentos sobre, por exemplo, o que é ensinar, ser professor e ser aluno. (OLIVEIRA, 2011; ROSA; RAMOS, 2008).

Com efeito, a experiência como aluno é formativa, pois possibilita a aquisição de crenças e representações sobre a prática docente, de modo que os saberes experienciais dos professores não se limitam apenas as experiências de sua atuação profissional, mas abrangem também as concepções e aprendizagens decorrentes de sua história escolar. Sobre o assunto, Oliveira (2011) chama a atenção para o fato de que o professor possui referências e concepções pessoais sobre a profissão. Com isso, afirmamos que as experiências de escolarização são geradoras dessas concepções.

Corroborando com as afirmações da autora, Nóvoa (2013) e Goodson (2013) apontam que os professores, ao longo de suas experiências de vida e profissão, estão construindo seus modos de serem professores, ou seja, as ações e os saberes dos docentes também estão relacionados aos seus gostos, preferências, expectativas, vontades, etc.. Neste sentido, Tardif (2008) e Goodson (2013) salientam que as experiências escolares – a história de vida enquanto aluno e as relações que são construídas com os professores dessas etapas de escolarização – contribuem substancialmente à construção da identidade dos profissionais, bem como para o seu conhecimento sobre a profissão docente, compondo o ensinar e a prática pedagógica.

Ainda segundo Tardif (2008), as experiências escolares são apontadas por grande parte dos professores como fonte de suas certezas, ideias, crenças e representações, de modo a servirem de base para o seu fazer docente. Sobre os professores da etapa de escolarização, Goodson (2013, p. 72) aponta que “[...] tais pessoas fornecem um ‘modelo funcional’ e, para além disso, influenciaram provavelmente a visão subsequente da pedagogia desejável, e bem assim, possivelmente, a escolha do próprio curso”.

Para o mencionado autor, o modelo de professor e de escola, ainda do período enquanto estudante, é um ingrediente que se reveste de grande importância, considerando que essas experiências de vida são chaves na construção da identidade e possibilitam uma pluralidade de conhecimentos.

Tendo em vista as representações sobre a escola e à docência construídas por meio das trajetórias pessoais, dada a significação humana às suas lembranças, é fulcral enxergar o professor não apenas como profissional da educação que irá aprender sobre a profissão inicialmente e exclusivamente em cursos de licenciatura. Este profissional é também uma pessoa que tem suas experiências e concepções sobre o universo escolar, constituindo essas experiências enquanto um saber existencial e que, portanto, merecem ser refletidas criticamente. Por isso, devemos considerar que as crenças e as representações resultantes das experiências escolares, familiares e sociais impactam na atuação profissional, nos saberes e identidade dos professores, devendo ser passíveis de análise, reflexão e (re)significação.

Nesse sentido, Goodson (2013, p. 68) afirma que o estudo das histórias de vida de professores é fundamental no processo formativo, enfatizando que “[...] o aspecto pessoal apresenta-se irrevogavelmente associado à prática”. A identidade do professor se faz fortemente presente em sua atuação profissional, pois antes de ser professor ele também é uma pessoa, com seu jeito, estilo, gostos e preferências. Ou seja, essas marcas têm matizes originárias de seu percurso escolar. (NÓVOA, 2013).

Parafraseando Nóvoa (2013, p. 16), “o processo formativo docente é uma mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até, que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores” Do cerne dessa especulação teórica, a maneira como cada professor é totalmente dependente daquilo que é como pessoa. As maneiras de ser se cruzam com as formas de ensinar, ao mesmo tempo em que as formas de ensinar desvelam a maneira de ser, não sendo possível separar o pessoal do profissional.

Sendo assim, é preciso valorizar as histórias de vida, as lembranças das experiências vividas, escutar as vozes desses profissionais, conhecer quem são esses sujeitos, uma vez que a vida dos professores relaciona-se as suas ações profissionais. Isso significa que os dados sobre a própria vida se constituem enquanto saber para a atuação profissional, uma vez que as histórias de vida e de escolarização influenciam a visão e entendimento do que é escola, professor e pedagogia.

Salientamos a importância do professor em conhecer a si, seus gostos, preferências, anseios para refletir sobre todo o constructo de aprendizagem originário de sua história de vida escolar. Novamente respaldados em Nóvoa (2013) e Goodson (2013), tecemos concepções acerca da relação entre saberes, identidade e formação, considerando a indissociabilidade entre pessoa e trabalho e com isso advém uma formação de professores que viabilize processos de conhecimento de si, de histórias de vida, de suas trajetórias escolares.

Este processo formativo se destaca como revelador de representações, imagens, valores e posturas que deixam marcas no professor. No entanto, a revelação não é suficiente para o processo formativo, mas sim a necessidade de reflexão crítica sobre essas experiências, por meio de ferramentas educativas que possibilitem a desconstrução dessas imagens e representações para uma nova significação reconstrutora da identidade docente. Nesse sentido, a formação inicial é um espaço potencial para essa reconstrução de identidades, de conhecimentos e de conhecimento de si e também do outro.

Rosa e Ramos (2008) afirmam que a formação de professores deve ser comprometida com a história de vida dos sujeitos. As autoras destacam as narrativas formativas como ferramenta de acesso a essas histórias de vida, sobretudo às vivências escolares como elementos de aprendizagem. Por meio dessas, os professores podem expressar, conhecer, problematizar e analisar crítica e subjetivamente as experiências vividas. A narrativa formativa de trajetória escolar é, portanto, reveladora de singularidades e acontecimentos escolares, com atribuição de significados subjetivos.

Pensando nas narrativas de formação, para Oliveira (2011) o ato de narrar apresenta acesso privilegiado à identidade dos professores, pois possibilita rememorar experiências para contá-las, constituindo-se em processo formativo, já que trazem à luz o autoconhecimento e a reflexão sobre o vivido. Por meio da reflexão, os saberes docentes são problematizados e ganham novos significados, assim, o professor traz um novo olhar sobre o contexto no qual se insere.

A disciplina “Narrativas em Formação de Professores”, em que o presente estudo foi desenvolvido, incitou a escrita de memoriais autobiográficos de percurso escolar. A partir dessas considerações e, entendendo a narrativa de formação do tempo escolar como instrumento formativo, de ensino e de pesquisa, o estudo em tela teve como objetivo evidenciar e compreender percursos de formação derivados da trajetória escolar de estudantes de licenciatura, a partir da perspectiva de narrativas autobiográficas.

Percurso metodológico

O pressuposto metodológico empregado na investigação foi inspirado na proposta da abordagem experiencial, histórias de vida ou conhecida ainda como biográficas considerando suas contribuições para a pesquisa educacional. (JOSSO, 2002; SOUZA, 2006). Sendo assim, tomaram-se as narrativas de formação e o valor das memórias pessoais para o ensino em processo de formação de professores. Ainda considerou-se a narrativa como um fenômeno e também uma abordagem de investigação e de formação, uma vez que abordou as experiências humanas e as aquisições promovidas por essas, nos sujeitos. (SOUZA, 2006).

O estudo realizado foi de natureza qualitativa, pautados em elementos destacados por Minayo (1994), por apresentar como principal característica o aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas. Estudar a prática da formação inicial de professores atrelada às lembranças de suas histórias de vida permite aprofundar a compreensão das experiências e dos saberes na constituição da identidade e aprendizagem para a docência.

Consideramos a disciplina “Narrativas em Formação de Professores” do curso de Pedagogia de uma Universidade Federal, como espaço e tempo adequados para o desenvolvimento da investigação, dado que esta toma a fertilidade das narrativas de formação por meio de relatos escritos autobiográficos, na produção de aprendizagens sobre a docência e para o desenvolvimento do profissional de professores.

Participaram do estudo sete estudantes do curso de Pedagogia, sendo seis mulheres e um homem. A turma participante foi considerada multisseriada em razão de ser composta por discentes ingressantes ou até concluintes de curso, ou seja, do 1º até ao 5º ano de Licenciatura em Pedagogia. Todos eram jovens, com aproximadamente 21 anos de idade e com pouca experiência de iniciação a prática docente, advindas dos Estágios Curriculares, ofertados pelo

curso. Também traziam experiências formativas de percurso escolar provenientes de diversos contextos sociais e momentos históricos¹.

A disciplina foi ofertada no caráter optativa, fato que possibilitou que os/as estudantes do curso escolhessem realizar ou não a matrícula e assim, cursar a disciplina. Contou com estudo de materiais pedagógicos teóricos disponibilizados em plataforma digitais, seguido pelo sua discussão em momento presencial de aula. Também envolveu atividades para recordação de lembranças de percurso escolar, por meio de imagens, fotos e relatos escritos autobiográficos, realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA/*Moodle*).

Como instrumento para a coleta de dados da pesquisa de campo, optamos pela recolha de sete Memoriais de Formação na íntegra, compostos por documentos escritos individuais de percurso escolar – considerando a valorização da singularidade da escrita e o alto potencial formativo, na perspectiva compreendida por Abrahão (2011, p. 166).

Este é, para nós, o processo e a resultante da rememoração com reflexão sobre fatos relatados, oralmente e/ou por escrito, mediante uma narrativa de vida, cuja trama (enredo) faça sentido para o sujeito da narração, com a intenção, desde que haja sempre uma intencionalidade, de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação. No que respeita ao processo, trata-se de experienciar o momento da narrativa reflexionada também como um componente formativo essencial. Trata-se de o narrador, elaborador do próprio memorial, ser realmente o sujeito da narração (embora dela também seja objeto), consciente de que a reflexão empreendida é elemento *sine qua non* para a compreensão da própria formação e, ainda, de que o momento da narração, nos moldes aqui entendidos, é, também ele, momento formativo.

Os referidos Memoriais foram elaborados pelos/as estudantes ao longo da disciplina. Para tanto, partiu-se da valorização da subjetividade do sujeito, do exercício de olhar e conhecer a si, da autoria no próprio processo formativo, mergulhando nas lembranças escolares e registrando as narrativas de formação.

O Memorial de Formação foi estruturado pelos seguintes itens: *i*) Introdução, em que o estudante realizava uma breve incursão teórica no campo da formação de professores e das narrativas de formação, tomando as literaturas estudadas na disciplina como eixo de reflexão. *ii*) O corpo (desenvolvimento) do memorial, contendo narrativas acerca do período de vida escolar, da Educação Básica (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio) e do Ensino Superior e a seção de Considerações finais.

¹ Para a maioria deles/as a produção de narrativas de formação foi a primeira experiência de escrita reflexiva de si, em momento acadêmico, sendo que poucos estudantes haviam vivenciado a elaboração de diários reflexivos, em contextos de Estágios Curriculares.

A produção do memorial envolveu não somente a descrição das experiências, por meio de lembranças dessa trajetória escolar, mas, enfaticamente, o fértil exercício de reflexão crítica, análise, identificação e desconstrução de imagens, representações e ideias sobre escola, ensino e prática docente, derivadas sobre essas recordações, com vistas à reconstrução da identidade docente; *iii*) Considerações, em que o/a estudante trazia seus relatos escritos sobre expectativas do exercício futuro da profissão professor e identificação de possíveis aprendizagens decorrentes do exercício da produção de um memorial de formação.

A tarefa formativa esteve pautada na ideia de valorizar as lembranças do passado, trazendo as recordações pessoais para conhecimento de si e para o exercício de atribuição de outros significados às suas representações, imagens, crenças e concepções, provenientes da vivência escolar. Com isso, foram tomados como objetos de investigação os sete memoriais produzidos pelo/as estudantes.

As narrativas de formação, registradas nos Memoriais, constituíram no *corpus* de dados do presente estudo. Os dados obtidos por eles foram objeto de um processo de análise, inspirado na análise de conteúdo proposta por Bardin (1994). Esse processo possibilitou codificar alguns conteúdos presentes nas mensagens, organizando-os no formato de categorias de análise e tomando o referencial teórico escolhido como base para a discussão.

Salientamos que foram respeitados todos os cuidados éticos no que se refere ao consentimento de participação, por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, documento em que os estudantes foram convidados a participar da pesquisa e permitiram o acesso aos seus relatos autobiográficos escritos. Do mesmo modo, foram tomados os devidos cuidados quanto ao anonimato dos participantes, por meio da utilização de nomes fictícios e à confidencialidade dos dados, com os quais as pesquisadoras se comprometeram a utilização unicamente para fins de pesquisa e de ensino em contexto de formação de professores.

Percurso metodológico

As narrativas formativas foram registradas em forma de Memoriais e postadas no ambiente *Moodle*/AVA. Marcadas pela subjetividade de cada narrador/a, os Memoriais foram utilizados como estratégias de ensino e de aprendizagem e como instrumento de pesquisa. O ambiente virtual, por meio de uma ferramenta chamada Tarefa, se fez como recurso tecnológico apropriado para a inserção dos Memoriais, mostrando-se convidativo para uma escrita processual e individual. Somado a isso, foi intensificada a responsabilidade pela própria aprendizagem, da necessidade de reconhecimento da autoria no processo formativo e,

assim, a garantia de uma participação ativa e reflexiva nessa produção textual, como oportunidade de aprendizagem.

Da leitura e da análise dos Memoriais de Formação emergiram duas categorias temáticas articuladas e discutidas, *a priori*, com os objetivos da pesquisa. São elas: 1) Narrar para me conhecer: acerca das trajetórias escolares e 2) Formação de Professores: das experiências de época escolar à escolha da carreira e alternativas pedagógicas.

A primeira apresentou algumas experiências de percurso escolar tecidas no período/tempo da Educação Básica, enfatizando alguns caminhos vividos ou desvencilhados em diferentes momentos e contextos. Ao longo dessa trajetória evidenciou-se o favorecimento de significado às relações tecidas em âmbito escolar. A segunda categoria, por sua vez, revelou imagens, representações e ideias construídas sobre o ofício docente, culminando, ainda em algumas reflexões sobre a futura atuação profissional.

Narrar para me conhecer: acerca das trajetórias escolares

Ao contar as experiências escolares em narrativas escritas, os/as estudantes organizaram acontecimentos em uma sequência de episódios relacionados aos próprios períodos temporais das histórias de vida. Assim, elencaram e registraram acontecimentos escolares interpretando as experiências significativas que marcaram sua trajetória de anos na escola, realizando um exercício de reflexão crítica sobre o vivido e de algumas marcas deixadas, por este, em si.

As narrativas dos Memoriais de Formação, reproduzidos na íntegra como excertos anunciando os resultados revelaram o desafio envolvido na tarefa de lembrar e contar o vivido em percurso escolar, no tangível aos anseios dessa nova experiência formativa e o exercício de elaborar registros em forma de narrativa escrita, conforme destaca o fragmento a seguir:

Para desenvolver esta tarefa, cobrei-me demasiada atenção e concentração. Foi difícil rememorar, ainda que consideradas memórias de longo prazo. Foi um período que descreveria como confuso, porque tive receio que as memórias retomadas fossem carregadas de sentimentos e me “pregassem peças”. (Memorial de Formação de Tânia).

Ao encontro das percepções e anseios da estudante Tânia, Marta também registrou:

Na escrita do memorial, acho também que, muitas vezes, o medo tomou conta de mim, e confesso: tive vontade de parar de escrever quando me peguei sem saber como contar o processo. Mas comecei a me acostumar com o modo de realização do memorial e, pelo menos duas vezes por semana, me sentava para escrever e pensar sobre o que tinha vivido e como revejo hoje [...]. (Memorial de Formação de Marta).

A narrativa autobiográfica é uma ferramenta formativa para conhecimento de si, para anúncio de retratos das histórias de vida e reflexão sobre as imagens, representações, ideias costuradas em cada narrador, de experiências vividas. Izquierdo (1989, p. 89) lembra que “[...] há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades [...]”; i.e, no exercício de rememorar e escrever as narrativas (conforme observado por Tânia e Marta) há que assumir a consciência de que a autobiografia é uma oportunidade para reconstrução do processo vivido, retrospectiva feita pelo narrador acerca de suas histórias e a fértil possibilidade de atribuição de outros significados, no tempo presente.

Para além da compreensão da narrativa formativa como um processo marcado pela capacidade de análise contextual do tempo, a partir de uma memória pessoal atualizada, interessa-nos compreender alguns aspectos desse exercício de elaboração e possíveis contribuições para a formação desse sujeito narrador (professores com futura atuação profissional). Sobre isso, Floriana contou algumas experiências, intencionando ‘cavocar’ essa memória das experiências de princípio da vida escolar.

Uma experiência marcante na Educação Infantil foi o trabalho com a horta da escola. Como essa escola era uma casa, na parte da frente da escola tinha um pequeno jardim que foi utilizado para construirmos uma horta. Lembro de todo o processo: pegar as sementes de cenoura, pintar a placa de madeira com meu nome, colocar as sementes de cenoura na terra. Ver um alimento crescer era, para mim, uma imensa felicidade. Todos os dias, sem exceção, na hora da entrada eu ia ver como estava o crescimento da minha cenoura. Quando as cenouras estavam prontas para serem puxadas da terra, foi uma alegria. Na época eu devia ter uns 5 anos de idade [...]. (Memorial de Formação de Floriana).

Floriana narrou experiências de sua história de vida na Educação Infantil rememorando e atribuindo um significado aproximando de uma doce lembrança. Na sequência do memorial, a estudante revelou a admiração pelas suas professoras da época, refletindo acerca da importância de uma aprendizagem concreta às crianças, nessa etapa educativa.

Os fragmentos de memória da estudante sobre a experiência de participar da produção

de uma horta escolar, quando tinha 5 anos de idade, desencadeou o pensar sobre o aprender por experiências concretas e manipuláveis, sendo essa metodologia crucial às crianças dessa faixa etária. Assim, “[...] antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é ensino por causa de toda sua história anterior”. (TARDIF, 2008, p. 20). Ou seja, a trajetória de vida escolar também alimenta os modos de pensar, a constituição da identidade docente e os futuros fazeres pedagógicos do professor. O percurso escolar vivido também ensina a ser professor/a.

Ainda sobre esse acontecimento na infância, a estudante contou:

[...] para as crianças e para professores é uma oportunidade única estar em contato com esse constante movimento que é a experiência na educação infantil e o contato com a terra, a sensação, as cores, presentes no trabalho com hortaliças. Consigo me maravilhar sempre quando observo as crianças mexendo com terra e cuidando de seus mínimos afazeres. Ter vivido essa experiência na escola me faz compreender o que pode vir a significar esse tipo de prática para a aprendizagem das crianças. (Memorial de Formação de Floriania).

No mesmo sentido, Raul revelou lembranças da época dos primeiros anos do Ensino Fundamental, atribuindo um significado de apreço pelos seus materiais e pertences escolares, e ainda refletindo sobre as possíveis dificuldades econômicas de seus pais para a aquisição destes:

Lápis, borracha, cola, régua, caderno de recados... utensílios escolares que minha mãe nem sempre teve condições para comprar, mas fazia o que podia. Eu nesse período sempre gostava de enfeitar meus cadernos e comprava uns adesivos para colar na capa e ficava muito feliz de ver o resultado final. As cores de cada caneta, a régua colorida, a minha borracha em forma de caminhão, era o que me motivava para querer estudar [...]. (Memorial de Formação de Raul).

No trecho destacado, o estudante percebe as possíveis dificuldades financeiras de sua família à aquisição dos materiais escolares. Mais do que isso, manifesta um saber refletido sobre alguns desafios econômicos enfrentados na vida cotidiana, para as famílias com escolares e que possuem menor recurso financeiro. Ainda assim, conta essa lembrança com delicadeza e positividade, demonstrando sensibilidade em relação aos seus pertences escolares, ao refletir sobre as relações do material com a motivação para os estudos de uma criança. Suas reflexões anunciam sentimentos e emoções sobre esse período escolar e sua condição econômica. Em outra parte de seu Memorial consta:

[...] Para minha mãe, talvez frustração e impotência por não poder ter

condições materiais de auxiliar seus filhos. Para mim, um sentimento de vergonha e timidez. Vergonha de não ter as mesmas condições de meus colegas de classe. E realmente foi visível isso. Essa, talvez, foi minha perturbação no ensino fundamental inteiro, mas por outro lado percebo que as dificuldades por conseguir os materiais faziam com que eu tivesse mais vontade e orgulho de ir para a escola. (Memorial de Formação de Raul).

As lembranças desse estudante revelaram ainda algumas miudezas da vida, rememoradas do tempo escolar, acerca das relações *com* e *na* escola na infância. As experiências se constituíram em uma oportunidade de aprendizagem sobre a docência, uma ferramenta que fertiliza o anúncio das representações sobre os fatos vividos e a possibilidade de atribuir outro significado a eles. Assim, a narrativa demonstra-se formativa na valorização em si, da própria história, além da percepção das representações construídas sobre os acontecimentos escolares e como essas constituem o sujeito.

Rosa e Ramos (2008) destacam que escrever sobre si e sobre os acontecimentos vividos possibilita a recriação das experiências, além de permitir a atribuição de sentidos às mesmas, contribuindo para a autocompreensão de quem somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida que esclarecem perspectivas e desejos futuros. As referidas autoras trazem à tona vivências marcadas pelos cheiros, como dos espaços da escola, cheiros dos materiais escolares (como giz de cera) e da merenda, o que permite reflexões sobre episódios, espaços e tempos escolares os quais, por vezes, passam despercebidos pela superficialidade e pela rapidez das experiências possibilitadas com o mundo e com os outros.

Um elemento importante e comum nesses Memoriais foram as relações construídas com os professores na Educação Básica, rememorados como atores principais em sala de aula, associando ainda as expressões e gestos de algumas professoras com a figura da mãe. As lembranças narradas por alguns estudantes demonstram episódios em que os/as narradores atribuem sensações, impressões e representações das relações vividas.

No ensino fundamental lembro-me da professora, como eu gostava daquela mulher! Tia Gi, o nome dela era diferente como o meu, ela falava baixinho, ela dava beijo e abraço na entrada e na saída, em cada um de nós. Ela era brava quando precisava ser, mas pior de tudo, não era quando ela estava brava, era quando ela estava decepcionada. Durante os 4 anos juntos pude aprender que ela fazia a cara da minha mãe e talvez de todas as outras mães, a cara da decepção por alguma coisa errada. (Memorial de Formação de Tânia).

[...] A professora... não me recordo seu nome, era loira de cabelos curtos, devia ter em torno de 35 anos. Era um tanto quanto brava com as crianças. Chamava bastante a nossa atenção. Recordo de uma vez ela avisar que quem não tivesse com as unhas das mãos cortadas, não brincaria no parque e um

garoto com medo dela, tratou de roer as suas o mais rápido possível. [...] (Memorial de Formação de Ana).

Ainda no que tange as experiências escolares de convívio com os professores no Ensino Médio, Marta narra sua vida como aluna:

[...] eu ficava apreensiva em cada aula, pois no ensino médio tinha que estar constantemente estudando para as provas e pensando nos vestibulares e seleções. Eu sabia dos sacrifícios que eu tinha que fazer para ingressar na faculdade e realizar um sonho, pois para quem é pobre, entrar na universidade é um desafio [...] quem não me fazia desistir desse sonho era minha professora de história que muito nos falava sobre as oportunidades para o futuro e do caminho de luta a percorrer. Gostava dela e aprendia muito com ela [...]. (Memorial de Formação de Marta).

As estudantes rememoraram as condutas de suas respectivas professoras as quais, possibilitaram a construção de representações que envolvem vínculos de afeto com o alunado, conforme demonstrado por Ana e Tânia, ao rememorarem episódios da infância. Para Sommerhalder e Alves (2012), o professor torna-se objeto de interesse da criança, a qual desenvolve empatia por ele, em um processo de identificação deste com seus pais. Esse processo desencadeia afinidade entre os sujeitos o que, também, pode fazer com que a criança se apaixone pelo conteúdo pedagógico, a partir do modo como o professor lhe apresenta e como lida com este.

O interesse pelo conhecimento escolar e a construção da aprendizagem resulta-se possível a partir da presença do outro, neste caso, do professor como o outro humano na relação educativa. Neste sentido, “o professor, por se constituir como Outro na relação intersubjetiva assinala seu fundamental processo educativo sobre a criança”. (SOMMERHALDER; ALVES, 2012, p. 244).

Com a explanação teórica contemplada nesta categoria foi possível acessar fragmentos de história de vida desses estudantes, tecendo algumas considerações acerca das experiências vividas em suas trajetórias escolares. Em suma, observamos que os estudantes – narradores de sua história – atribuíram sentidos para os acontecimentos vividos, às interações sociais e partilhas afetivas que ocorreram em percursos escolares. Sobre o assunto, Josso (2004, p. 48) destaca: “falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido””.

Formação de Professores: das experiências de época escolar à escolha da carreira e alternativas pedagógicas

Para Pineau (2003, p. 196-197) escrever a sua história é:

[...] antes de tudo um instrumento de busca, isso implica em uma perspectiva formativa em que o próprio autor analisa sua história. As histórias de vida são produzidas para dar sentido a sua vida, a sua experiência, para compreendê-la.

Partindo deste entendimento, na presente categoria apresentamos resultados relacionados ao ofício docente, os quais culminaram na reflexão sobre processos educativos (processos de ensinar e de aprender) e, por isso, formativos para a futura atuação profissional.

A significação do termo ‘processos educativos’ está calcada nas compreensões de Oliveira et al. (2014), para os quais processos educativos possibilitam a formação dos sujeitos que deles participam, situações em que o ser humano está em constante processo de formação, em contínua dinâmica de conhecer e aprender, ao longo da vida. Nesse sentido, é possível afirmar que a formação de professores não se consolida em cursos de formação inicial. Trata-se de um processo que ocorre ao longo da vida, permeado e alimentado pelas experiências advindas de diversas relações e contextos sociais.

Para melhor compreender os processos educativos e os elementos formativos que fomentam os fazeres docentes, é preciso conhecer também a vida desses [futuros] professores e a relação de suas histórias de vida com a história, sendo o desenvolvimento do professor fruto dessa relação e construção interativa entre professor-pessoa e contexto social. (GOODSON, 2013). Tais acepções são melhores compreendidas na análise do trecho do Memorial de Rosa:

No segundo colegial já havia escolhido que seria professora, pois lembro que achava uma bela profissão e de uma enorme responsabilidade, ainda mais se tratando de professora de séries infantis, em que é o primeiro contato de uma criança com o meio escolar. Percebia que seria de minha responsabilidade proporcionar o máximo de bem-estar e felicidade aos meus futuros alunos, para que eles tenham prazer em frequentar a escola. (Memorial de Formação de Rosa).

Para Rosa, a escolha pela carreira docente já havia sido definido ainda na adolescência, sendo fortalecida pelas percepções e sensações construídas acerca do ofício, a partir das experiências como aluna e projeções/hipóteses para a atuação. Ao contar sobre seu percurso escolar no Ensino Médio, a estudante torna-se consciente e reflete sobre a escolha da

profissão, apresentando as suas representações sobre o magistério na educação escolar de crianças.

Com Cunha (1997), reafirmamos que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros e, por este motivo, configuram importantes estratégias formadoras de consciência, em uma perspectiva decisiva nas escolhas em termos pessoais e profissionais. Em diálogo com o Memorial de Rosa, a estudante Patrícia narrou acontecimentos dos anos finais no Ensino Fundamental, quando aponta a determinação pela profissão e retrata suas imagens sobre ser professor:

Eu me via como uma excelente professora, de fazer com amor a profissão, o que eu admirava e poder falar que era feliz em meu emprego. Trazendo essas reflexões para a atualidade, busco algum dia conseguir dirigir uma escola, buscando sempre profissionais competentes e que, assim como eu, tenham certeza de que escolheram a profissão correta. (Memorial de Formação de Patrícia).

A escolha da profissão para Patrícia foi influenciada pelas referências e experiências vividas no Ensino Médio, as quais balizaram suas decisões para a carreira do magistério e alimentaram as suas imagens, crenças e interesses sobre a sua atuação futura na profissão. Segundo Nóvoa (2013), o fato aponta para alguns saberes dialéticos entre o passado e as prospecções de futuro nos aspectos da formação docente. Assim, as narrativas de formação potencializam as reflexões do presente em projeção a um futuro, em função das aprendizagens ocasionadas pelo *vir-a-ser* (FREIRE, 1982), bem como pela aquisição de conhecimentos na transformação do sujeito, em formação.

Dado o contexto, compreendemos que a escrita de narrativas é uma estratégia formativa reveladora de imagens, representações e crenças sobre o ofício docente. A estratégia potencializa o processo de reflexão pedagógica, permitindo aos seus narradores desconstruir ideias e compreender algumas raízes vinculadas as suas ações docentes, escolhas ou posturas profissionais, como processo de aprendizagem fundamental para a sua formação. Consoante Oliveira (2011), o professor em exercício ou o futuro professor, ao buscar palavras para melhor se expressar, oferece ao outro a possibilidade de compreender seus pensamentos e ideias e, a partir de suas experiências, pode construir as relações necessárias à produção de sentidos.

Em seu Memorial, Ana apresentou fragmentos de lembranças, suas representações e imagens sobre a prática pedagógica, a docência para crianças e o processo de iniciação à escrita, envolvendo ainda as atividades realizadas em livro didático. Em suas narrativas,

rememorou: “[...] nesta época as atividades mais coloridas eram que me davam mais prazer em fazer como mexer com guache, o que não tinha mais em outras séries”. Outro fato marcante, no sentido de trazer emoções de determinadas épocas escolares é visto abaixo:

A segunda série também foi marcada pelo medo. Uma professora mais velha, faltando dois anos para sua aposentadoria, tinha o mínimo de paciência. Solicitava silêncio e pedia para debruçarmos sobre a carteira e quem não o fizesse simplesmente ganhava um cocão na cabeça. As dúvidas eram respondidas de maneira grosseira, que eu simplesmente evitava perguntar.

Primeiro dia de aula, ela começou a ditar um texto quando, de repente, ditou:
- *Vírgula...*

Um aluno que ainda não sabia o que era essa tal de vírgula a questionou. A resposta foi curta e grossa, como se já nos fosse obrigatório o conhecimento dessa pontuação. (Memorial de Formação de Ana).

Seguindo com as palavras de Ana:

Ainda estou no início do curso e tenho muito que aprender, mas desde já batalho para que esse medo que os alunos têm pelos professores vá se vencendo cada vez mais. Por isso, acho que os professores com mais tempo de sala de aula devam fazer pós-graduação para melhorem suas práticas e também para sempre criar perspectivas de novas conquistas. [...] Pelo menos, é assim que me vejo daqui a algum tempo. (Memorial de Formação de Ana).

No contexto Cunha (1997, p. 187) aponta: “[...] quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados”. Por conseguinte à discussão, foram revelados acontecimentos escolares, imagens, sentimentos e representações negativas sobre os processos de avaliação escolar. Da leitura e da análise dos relatos de Raul, Tânia, Marta, Ana, Rosa e Floriana, compreendemos as influências dessas experiências na construção da identidade docente e da autoconfiança. Floriana narrou:

[...] a prova era baseada em muitos conceitos que deveriam ser memorizados e não refletidos. Aquilo me deixava muito incomodada, pois eu sentia que não aprendia nada. Absolutamente nada. Resultado: nota da prova 2, 5. Não acredito, 2,5? Aquele resultado me encheu de raiva e então tomei coragem e fui conversar com ela. Ela se irritou, disse que eu era incompetente e que o modo como ela me ensinava era o adequado. (Memorial de Formação de Floriana).

Rosa e Patrícia também rememoraram a fragmentação e a descontextualização da avaliação em relação aos processos de ensinar e de aprender, vivenciados em período escolar. Ao narrarem sobre os anos finais no Ensino Fundamental, as estudantes trouxeram suas histórias:

O episódio que trago tem a ver com as minhas questões em relação aos processos avaliativos. Nunca esteve claro para mim, enquanto estudante, os critérios e condições de avaliação na modalidade ‘prova’. (Memorial de Formação de Rosa).

Fiz prova de recuperação de Física, foi doloroso estudar, porque eram conceitos que eu não conseguia compreender. Pedi ajuda dos colegas, mas ainda assim, tirei nota 5, apenas para não ficar com nota vermelha. Era um absurdo. Eu só conseguia pensar em muitas orações para que nas próximas ou nos vestibulares não caísse as formulas ou suas definições [...]. (Memorial de Formação de Patrícia).

Nos respectivos trechos, os acontecimentos escolares anunciam que as provas não constituíam, de fato, um instrumento fertilizador e aglutinador de aprendizagens nos estudantes. Assim, os Memoriais permitem colocar em tela possíveis modelos avaliativos vividos nesse percurso escolar, propostas essas distantes das perspectivas processuais e que, em muito pouco, colaborava com o processo de aprendizagem.

Conforme descreve Luckesi (2005), a avaliação escolar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária e não resultar em um exame classificatório e punitivo. A avaliação tem caráter diagnóstico e, por isso, é tão importante o que foi aprendido como o que ainda não foi. Contudo, tais premissas foram pouco abordadas nas histórias de avaliação escolar narradas pelos estudantes, pois os fragmentos de memórias evidenciam o afastamento da “[...] escola como um espaço/tempo de possibilidades, de humanismo, de solidariedade”. (OLIVEIRA, 2016, p. 223).

Analisando a narrativa de Patrícia, dialogamos novamente com Luckesi (2005), ao relevar que para desenvolver os processos avaliativos é necessário conceber, antes de tudo, o educando como um ser em movimento, em formação e agir coerentemente a partir dessa concepção. Calcada em suas experiências, Rosa avança na reflexão crítica e na aprendizagem adquirida dessas vivências avaliativas, evidenciando as contribuições do exercício de lembrar para a sua formação como professora. Assim, propõe formas para acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos:

Considero que uma prova escrita uma vez a cada dois meses não consegue determinar se a criança ou adolescente conseguiu saber tudo acerca de um tema ou assunto. Por isso, pensando em não criar tensões e angústias, nas minhas ações em sala de aula buscarei trazer quanto for possível vários elementos para avaliar o quanto os alunos estão absorvendo e, olhando para eles, poder mudar ou manter o percurso no ensino. (Memorial de Formação de Rosa).

Dessa forma, o vivido em período escolar compõe a formação de professores e o exercício profissional futuro desses licenciados, levando-os pensar sobre posturas e ações didático-pedagógicas. Esses aspectos relacionam-se ao ofício de professor no ato de repensar um fazer pedagógico coerente, ou seja, ao modo como significam e o incorporam em sua futura prática. Para Oliveira (2011), as memórias pessoais são fontes valiosas para ajudar a compreender episódios em determinados contextos socioculturais.

Com isso, cumpre dizer que as narrativas de formação analisadas mostraram fragmentos de percurso escolar de estudantes de Pedagogia, fornecendo pistas para a composição de um retrato com algumas experiências escolares em contexto brasileiro, especialmente trazendo a vida escolar na Educação Básica.

Considerações finais

Na pesquisa apresentada, a leitura e análise dos Memoriais de Formação assentaram-se nos pressupostos teóricos da formação de professores e das contribuições das narrativas de formação para a aprendizagem da profissão docente. Os Memoriais, objeto desse estudo, tinham como temário o percurso escolar, do tempo vivido desde o ingresso na escola até o final do curso de formação inicial em Pedagogia, composto ainda pelas expectativas futuras da profissão docente.

Apresentamos fragmentos de experiências narradas por esses estudantes, buscando compreender as lembranças da trajetória escolar. Destacamos a necessidade de valorizar as histórias de vida na formação de professores e a narrativa como ferramenta educativa, de investigação e de formação, contrariando uma lógica de que o pessoal não compõe o profissional e de que a formação do professor ocorre em um momento temporal e exclusivamente em cursos de licenciatura.

Neste âmbito, Bosi (1994, p. 55) destaca: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Rosa e Ramos (2008) também ensinam que o ato de narrar não se limita a relatar algo com saudosismo, mas trazer à tona antigas experiências do ponto de vista histórico e cultural. Parece contraditório, mas realmente é fato o desprezo social e educacional pelas práticas de lembrança, apesar de terem importância singular na formação do sujeito-professor, conforme demonstrado neste estudo.

Não há que se explicar o dito, nem mesmo provar sua legitimidade, mas sim pontuar um conjunto de intencionalidades conduzindo o processo para que, ao final, se colham alguns frutos e, no caso desta pesquisa, os frutos convergem na possibilidade de compreender a trajetória escolar retratada em Memoriais, anunciando contribuições para a formação inicial de professores.

A nossa propositiva não foi a de esgotar discussões sobre o temário, mas sim suscitar reflexões e inspirar debate sobre o tema da formação de professores, no campo das narrativas de formação. Por isso, intencionamos que o presente texto possa inspirar outros interesses de estudo envolvendo a temática e colaborar na publicização da perspectiva de pesquisa e de ensino em práticas de formação de professores.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/ recordações/referências para pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, mai./ago. 2011. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8708/6353>.

Acesso em: 03 maio 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 1-7, jan./dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>.

Acesso em: 03 maio 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: As histórias de vida dos profissionais e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2013. p. 63-78.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, mai./ago. 1989. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141989000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 abr. 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOURENCETTI, Gisela Carmo do; MIZUKAMI, Maria Graças Nicoletti das. Dilemas de professoras em práticas cotidianas. In: MIZUKAMI, Maria Graças Nicoletti das; REALI, Aline Maria Medeiros (Orgs). **Aprendizagem profissional da docência**. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 49-69.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza de. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 9-29.

NÓVOA, António. Os Professores e as Histórias da sua Vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2013. p. 11-30.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONI, Aínda Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Orgs). **Processos Educativos em Práticas Sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 29-46.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. Memorial de Professor: espaço de possibilidades de caminhar para si. **Educação e Linguagem**, v. 19, n. 2, p. 215-245, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/6990>. Acesso em: 10 jun. 2018.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moreira Anunciato de. Narrativas de formação: aspectos da trajetória como estudante e experiências do estágio. **Revista Interações**, n. 18, p. 229-245, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/download/466/420>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na Formação**: rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2003.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Anselmo. Memórias e Odores: experiências curriculares na formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, p. 565-599, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000300012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 maio 2018.

SILVA, Rita Cássia da. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, Maria Regina. (Org). **Aprendendo a Ensinar**: o caminho nada suave da docência. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados; Araraquara-SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2005. p. 25- 44.

SOMMERHALDER, Aline; ALVES, Fernando Donizete. Infância e Educação Infantil: aspectos inconscientes das relações educativas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 52, p. 241-249, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n52/10.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: UNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOBRE AS AUTORAS:

Luana Zanotto

Doutorado em Educação em andamento pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); Membro do Centro de Pesquisa da Criança e de Formação de Educadores da Infância (CFEI); Bolsista CAPES. E-mail: luanazanotto@yahoo.com.br.

 <https://orcid.org/0000-0003-1877-4170>


Aline Sommerhalder

Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil; Coordenadora do Centro de Pesquisa da Criança e de Formação de Educadores da Infância (CFEI). E-mail: sommeraline1@gmail.com.

 <http://orcid.org/0000-0002-6024-0853>

Andressa de Oliveira Martins

Doutorado em Educação em andamento pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); Membro do Centro de Pesquisa da Criança e de Formação de Educadores da Infância (CFEI). E-mail: martinsandressa27@gmail.com.

 <http://orcid.org/0000-0003-2041-8706>

Recebido em: 04 de julho de 2018
Aprovado em: 17 de agosto de 2019
Publicado em: 17 de setembro de 2019